

A NOITE NO IMAGINÁRIO MARÍTIMO PORTUGUÊS DO FINAL DA IDADE MÉDIA

Paulo Esmeraldo CATARINO LOPES

Instituto de Estudos Medievais (IEM) / Centro de História de Além-Mar (CHAM) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Recibido: 02/09/2012

Aceptado: 22/10/2012

RESUMEN: Durante el giro de la Edad Media a la Edad Moderna, no cabe duda de que todas las acciones a bordo, fueron ejecutadas por el marinero o por el almirante, eran inseparables de uno imaginario marcado por la fantasía, visiones y temores, especialmente de la noche oceánica. Un sustrato oscuro donde los factores dominantes no tenía nada cuantificable o medible. Fueron antes algo abstracto, que iba y venía en función de la intensidad emocional de las circunstancias y el peso mayor o menor de un patrimonio cultural que transmite una manera muy especial para detectar y reaccionar ante los fenómenos marinos.

PALABRAS CLAVE: Miedo, Noche, Imaginario marítimo, Fin de la Edad Media.

ABSTRACT: At the turn of the Middle Ages to the Modern Age no doubt all actions on board, whether performed by a sailor or by the Admiral, were inseparable from an imaginary marked by fantasy, visions and fears, particularly from the *ocean night*. An unclear substratum where the dominant factors were hardly measurable or quantifiable. They were rather something abstract, which came and went depending on the emotional intensity of the circumstances and on the greater or lesser weight, but always present, of a cultural heritage that conveyed a very special way of feeling and reacting before the oceanic phenomena.

KEYWORDS: Fear, Night, Maritime imagery, Late Middle Ages.

É nossa intenção com este texto reflectir sobre o papel desempenhado pela *noite*, mais especificamente a *noite oceânica*, no imaginário marítimo português do final da Idade Média. Por outras palavras, pretende-se reflectir sobre uma das principais componentes daquilo que podemos considerar a face “obscura” dos Descobrimientos, ou seja, a face do abstracto, do não mensurável, do subjectivo, em última análise daquilo que cientificamente se considera o *erro* e que tem por base a menos heróica das paixões humanas: o medo.

Tal objectivo implica mergulhar no domínio do sonho, do imaginário, da

fantasia e do maravilhoso, procurando captar como o navegante do final da Idade Média e inícios da Idade Moderna encarava o desconhecido e se relacionava com ele.

Não abundam as fontes sobre esta temática, em particular no que se refere ao processo de conquista do Atlântico, primeira grande fase da expansão marítima lusa. No entanto, esses raros apontamentos “iniciais”, quando associados aos registos existentes sobre as navegações posteriores, em especial as relativas à carreira da Índia, e dos quais podemos fazer recurso dada a reduzida distância temporal e a ausência de grandes variações ao nível das condicionantes, permitem avançar algumas hipóteses de reflexão.

O homem do mar português é alguém experimentado, podemos mesmo afirmar que, à época, é um dos mais experimentados de toda a Europa. Por outro lado, tem ao seu alcance técnicas de navegação, embarcações e instrumentos náuticos cada vez mais desenvolvidos e aperfeiçoados. Isto para além de todo um saber que aumenta e se consolida a cada viagem, e do qual o conhecimento profundo das rotas, das correntes e dos ventos são exemplos paradigmáticos. O *Tratado da Agulha de Marear* (1514) de João de Lisboa e o *Livro de Marinharia* (c.1566) de Pero Vaz Fragoso comprovam este avanço do saber marítimo. No entanto, é inequívoco que o medo (podemos mesmo chamar-lhe *terror*) das horas nocturnas – sobretudo enquanto encaradas como porta para um desconhecido onde todas as desordens, violências e elementos inumanos são possíveis –, está presente ao longo de todo o amplo processo de navegação oceânica protagonizado pelos portugueses nos anos de viragem da Idade Média para a Idade Moderna.

De salientar neste ponto que, para o estudo do medo do mar nos primeiros séculos do longo processo dos Descobrimientos portugueses, é fundamental ter presente a fragilidade e a fraca operatividade das grandes classificações e periodizações estanques, como por exemplo a relativa ao mundo medieval *versus* Renascimento. Seguimos, assim, a orientação de Jacques Le Goff: “Esse período de transição, a que a época das Luzes chamaria *Dark Ages* –o Tempo das Trevas– foi desde as origens definido pela expressão ‘Idade Média’ –um conceito pejorativo– como um período, se não negativo, pelo menos inferior ao que se lhe seguiu. [...] Esta definição cronológica e pejorativa da Idade Média tem sido, de há decénios a esta parte e, principalmente, nos anos mais recentes, atacada pelos dois extremos. [...] A oposição Idade Média/ Renascimento é contestada em muitos aspectos. [...] O passado respinga, sem dúvida, quando pretendemos sujeitá-lo e domá-lo com periodizações. Certas divisões são, contudo, mais destituídas de fundamento que outras para assinalar a mudança. Aquela a que se deu o nome de Renascimento não me parece pertinente. A maioria dos sinais característicos por

meio dos quais se tem pretendido reconhecê-la surgiu muito antes da época em que a situamos (séculos XV-XVI)”¹

Façamos, pois, “recurso” de tais classificações e periodizações apenas no sentido de facilitar ao leitor a localização dos acontecimentos evocados; tendo, no entanto, sempre a consciência de que não se trata de períodos, culturas ou sociedades estanques e perfeitamente demarcadas no tempo. Como refere Le Goff, o que se designa tradicionalmente por Renascimento começou bem mais cedo do que se considera. Por outro lado, a Idade Média não terminou com a queda de Constantinopla (1453) ou com as viagens pioneiras de Colombo (1492) e de Vasco da Gama (1497-1498).

Em primeiro lugar, ao analisarmos o papel desempenhado pela *noite* no imaginário marítimo português deste período, é fundamental ter em conta que estamos perante um processo cujas origens e antecedentes remontam a épocas bem mais recuadas e não apenas em território nacional. Por outras palavras, trata-se de um processo que se inscreve no terceiro nível do esquema proposto por Fernand Braudel para o estudo das mentalidades²: o da história mais profunda, de longa duração, que por vezes abrange séculos. São os quadros mentais mais resistentes aos movimentos, as “prisões de longa duração”, que durante centúrias determinam, geração após geração, as atitudes profundas e as condutas dos indivíduos.

Assim, ao mergulharmos em tal problemática temos obrigatoriamente de ter em conta o peso da herança provinda do mundo clássico, bem como dos determinantes primeiros séculos medievais.

HERANÇAS E CONDICIONANTES

Com efeito, o quadro de aceitação e “domesticação” relativamente ao mar, que, de alguma forma, imperava no mundo clássico ocidental terminou com o fim do Império Romano do Ocidente. Ao mesmo tempo que passou, como qualquer outro elemento natural, a ser conceptualizado de acordo com uma visão teológica do mundo, o mar começou também a ser conotado com destruição, caos, desordem e perigo. Situação extraordinariamente ampliada quando as costas mediterrânicas e atlânticas passaram a ser fustigadas primeiro pelos povos muçulmanos e depois pelos escandinavos.

¹ LE GOFF, Jacques (1994). *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 20.

² BRAUDEL, Fernand (1989). *Gramática das Civilizações*. Lisboa: Teorema; BRAUDEL, Fernand (1990). *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença; DUBY, Georges (1999). *Para uma História das Mentalidades*. Lisboa: Terramar.

Desta forma, a memória da Bíblia relativamente ao mar que passa a prevalecer é a de um elemento hostil e muito perigoso. Oposto mesmo à condição humana. Estamos, pois, próximos, não da auspiciadora evocação bíblica do início do Génesis³, mas antes perante a *outra* evocação, a das águas devastadoras do dilúvio: “Choveu torrencialmente durante quarenta dias sobre a terra. As águas cresceram e levantaram a arca, que foi elevada por sobre a terra. As águas iam sempre crescendo, engrossando e subiram muito acima da terra. [...] A enchente aumentava cada vez mais, e tanto que cobriu todos os altos montes existentes sob os céus; as águas ultrapassam quinze côvados o vértice dos montes por elas cobertos. Todas as criaturas que se moviam na terra pereceram”⁴

Outras passagens do texto bíblico, nomeadamente os episódios de Jonas e do *Êxodo* em que se descreve a travessia do mar Vermelho, contribuem para reforçar este estado de espírito.

Também o autor clássico Rufio Festo Avieno (séc. IV d.C.), com o poema *Orla Marítima*⁵, acabou por contribuir no final do Império Romano para a visão medieval negativa do mar que está para lá das colunas de Hércules: “O círculo da vasta terra jaz estendido e ao seu redor fluem de contínuo as ondas. No ponto do Oceano em que o mar profundo penetra tanto que o abismo do nosso mar se estende amplamente, abre-se o golfo atlântico. Aí fica a cidade de Gadir, chamada antes Tartesso, aí ficam as colunas do pertinaz Hércules, Ábila e Calpe, esta à esquerda da dita região e Ábila próxima da Líbia. Ressoam fustigadas pelo duro setentrião, mas permanecem firmes no lugar.”⁶ Avieno fala do “abismo do Oceano

³ Logo no primeiro capítulo do *Génesis*, o mar surge como um elemento abençoado: “No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era informe e vazia. As trevas cobriam o abismo, e o Espírito de Deus movia-Se sobre a superfície das águas. [...] Deus disse: ‘Haja um firmamento entre as águas para as manter separadas umas das outras.’ Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento. E assim aconteceu. [...] Deus disse ‘Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca.’ E assim aconteceu. Deus, à parte sólida, chamou terra, e, mar, ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era bom. [...] Deus disse: ‘Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos [...].’ Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas [...]. E Deus viu que isto era bom. Deus abençoou-os, dizendo: ‘Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar [...]’.” (1992). *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), pp. 17-18.

⁴ (1992). *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), p. 26.

⁵ Um poema que combina fontes diversas e notícias ou recordações de diversas viagens. A sua base é um périplo do século VI a. C., com acrescentos posteriores de vários autores e de épocas diferentes.

⁶ AVIENO (1992). *Orla Marítima*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 19.

povoado de monstros”⁷ e destaca que o célebre navegador cartaginês Himílcon afirmava “que nesse ponto o mar não apresenta profundidade e que o solo se encontra coberto apenas por escassa espessura de água. Depara-se com frequência, aqui e ali, com animais marinhos e ao redor dos barcos que se arrastam lenta e vagarosamente nadam os monstros.”⁸ Como que a concluir a definição de Atlântico, que considera um golfo decorrente do mar que rodeia toda a Terra, Avieno profere que “na opinião de Himílcon para ocidente destas Colunas, há um abismo sem fim, o pélogo alarga-se e alonga-se o mar. Ninguém visitou estes lugares, ninguém para essas águas levou os barcos, já que faltam no mar alto ventos que os empurrem e nenhum sopro de ar ajuda a embarcação. Além disso, visto a caligem vestir como um manto o céu, a névoa envolve sempre o abismo e no dia obscurecido persistem as nuvens. Este é o Oceano que ruge em redor do vasto Orbe, este é o grande pélogo, este é o abismo que envolve as praias, este é o que irriga o mar interior, este é o pai do nosso mar. Curva-se, além disso, em numerosos golfos e a sua força penetra profundamente no nosso orbe. Vou mencionar-te os quatro maiores golfos. A primeira penetração do Oceano na terra é o golfo Hespérico e o mar Atlântico; em seguida a onda Hircana e o mar Cáspio; o mar Índico e a superfície do golfo Pérsico; o abismo arábico já sob o cáldio Noto. Outrora um velho uso deu a este último o nome de Oceano; depois onda Hircana, mar Cáspio, cujo abismo se desdobra em vasto circuito e se alonga amplamente, sem contornos precisos. Em boa parte dos casos, porém, o mar estende-se com tão pouca profundidade que quase só oculta as areias subjacentes. Densas, as algas elevam-se acima das águas e este charco impede as correntes. Grande número de monstros nada por todo o pélogo e um grande terror das feras habita os mares. Himílcon, o cartaginês, refere que em outro tempo observou e comprovou por si mesmo estes dados no Oceano.”⁹

Em suma, na aurora dos tempos medievais, o que vai predominar dos trabalhos dos grandes autores clássicos, como Plínio, o *Velho* (23-79), é uma visão nefasta do elemento aquático, sobretudo do oceano. De tal forma que o Atlântico, especificamente, ficou denominado como o *Mar Tenebroso*.

Por exemplo, da *História Natural* do referido Plínio, fixa-se que o mar é o elemento onde se encontram os seres mais excessivos, em maior número de

⁷ AVIENO (1992). *Orla Marítima*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 20.

⁸ AVIENO (1992). *Orla Marítima*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 20.

⁹ AVIENO (1992). *Orla Marítima*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 28.

espécies e mais híbridos e monstruosos. A vida animal não está nele sujeita à ordem, antes à confusão e ao caos. O mar é, portanto, “o reino dos prodígios”¹⁰.

Nas obras das principais autoridades do novo período que se anuncia (como Santo Agostinho [354-430] e Isidoro de Sevilha [c. 560-636], cujas *Etimologias* constituem o texto mais lido em toda a Alta Idade Média ocidental depois da Bíblia¹¹) é esta visão tenebrosa do mar que podemos encontrar.

O imenso desconhecido oceânico que rodeia a orbe terrestre, isto é, o centro, fonte de segurança e ordem, é inumano, perigoso, destruidor e mortífero. É a falha, a exceção, em relação ao espaço cósmico e não está destinada a ser habitada pelo homem. Este apenas pode viver no espaço cósmico. Aventurar-se no oceano é sinónimo de procurar a morte. Só a zona costeira, mais segura porque próxima da terra humanizada, é navegável.

Para o imaginário medieval, o oceano é, pois, o lugar da fronteira entre a vida real, visível, o aqui e agora, e a existência no Além, o Outro mundo. Nas suas fronteiras e para lá delas tudo é simbólico e mítico. É o cenário por excelência do maravilhoso.

Daí o perigo de navegar pelas suas águas e, sobretudo, em percorrer as suas rotas mais distantes. Quem optar por essa via sabe que terá sempre a seu lado a presença do perigo e da morte, *figuras* não raras vezes identificadas com o mar oceano¹².

Directamente herdada das *autorictas* medievais (em particular o já assinalado S. Isidoro de Sevilha) e em conformidade com a visão mais continental e rural da Europa de então, esta concepção do mar predominava nos meios letrados e religiosos, pelo que é determinante pela influência que acaba por ter nos restantes grupos sociais, ou seja, pela forma como se difundiu e adaptou. Trata-se de uma concepção coerente do mundo e da sociedade, “que tende a eliminar do horizonte, ou a reduzir ao máximo, o elemento aquático”¹³, e que vai ser fundamental na

¹⁰ MATTOSO, José (2000). *Obras Completas de José Mattoso. Naquele Tempo – Ensaios de História Medieval*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 233-234.

¹¹ MATTOSO, José (2000). *Obras Completas de José Mattoso. Naquele Tempo – Ensaios de História Medieval*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 231.

¹² MATTOSO, José (2000). *Obras Completas de José Mattoso. Naquele Tempo – Ensaios de História Medieval*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 235.

¹³ MATTOSO, José (2000). *Obras Completas de José Mattoso. Naquele Tempo – Ensaios de História Medieval*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 235.

forma como o mareante dos séculos da viragem da Idade Média para a era Moderna encarava a noite no oceano.

Dito de outro modo, o antimundo oceânico desempenhava uma função central enquanto justificação e motivo de coesão de uma Cristandade que, até este período de encruzilhada, sempre fora tendencialmente terrestre e rural.

Mas outra imagem existia do elemento marítimo durante os séculos medievais centrais e tardios, mais positiva e aberta. Era a imagem daqueles que habitavam as zonas costeiras meridionais da Europa, em particular Portugal e, neste caso, sobretudo no Sul do país (até ao Tejo, numa primeira fase, e depois até aos limites das costas alentejana e algarvia).

Junto destas comunidades, que complementavam a agricultura e a pastorícia com a faina piscatória e outras actividades quotidianas mais ou menos directamente relacionadas com o meio aquático (como a extracção do sal), a representação preponderante não era tão inquieta e marcadamente negativa. Afinal, do seu seio provinha boa parte do sustento. Aqui o oceano não se limitava a simbolizar o caos e o mal. Era também sinónimo de subsistência e de convivência diária, ou seja, uma realidade natural bem presente. E se era imprevisível e susceptível de mudanças súbitas e perigosas, era também passível de ser “dominado” através de uma navegação costeira, de cabotagem, bem mais segura e precavida.

Estas comunidades concebiam, pois, o mar como fonte de prosperidade e riqueza, um espaço passível de ser percorrido e explorado, portanto descoberto e conhecido. Visão contrária à que predominava no Norte, onde o oceano era sobretudo visto como um antimundo, lugar imprevisível e implacável do caos e da desordem.

Esta outra visão do mar, que, saliente-se, acabou por prevalecer, tem duas origens. Por um lado, resulta do encontro e do contacto com o Islão urbano e mercantil, que trouxe consigo a possibilidade de acentuar uma forma diferente de olhar o mar. Por outro lado, surge como consequência de um movimento de cristianização do oceano – que aconteceu em toda a Cristandade e não apenas em solo português –, que acompanha a recuperação europeia do mundo urbano e o amplo processo de recuperação das zonas litorais e respectivas áreas marítimas ao Islão, quer no Mediterrâneo quer no Atlântico.

A Europa cristã deixava de ser quase exclusivamente rural e continental, para tornar-se mais urbana, marítima e mercantil, ou seja, para voltar-se para o exterior e para as “novas” vias de comunicação. O terror do desconhecido tão

caracteristicamente medieval dá lugar à curiosidade e à vontade de explorar esse mesmo desconhecido.

A Europa cristã ocidental está assim preparada para contactar o *Outro* civilizacional e as novas e desconhecidas paragens do mundo, aquelas que a tradição clássica evocava e acerca da qual efabulava. O oceano que se considerava infindável, espaço privilegiado do caos e da morte, e cujos limites se desconheciam começa então a ser perspectivado de forma diferente, mais como zona que simplesmente separa o conhecido do desconhecido. Aumenta cada vez mais a curiosidade em desvendar os seus mistérios. E os homens do mar começam progressivamente a enfrentar, apesar de todos os perigos e tragédias, o grande azul. Parece a concretização da profecia de Séneca (4 a.C.-65 d.C) na *Medeia*: “Virão séculos em que o Oceano abrirá as suas barreiras e novas terras aparecerão; Tetis descobrirá novos orbes [...]”¹⁴.

No entanto, apesar de toda esta mutação e de esta segunda visão do mar ser predominante, os medos profundos relacionados com a noção de oceano como espaço do caos, do desconhecido e do inseguro não desapareceram simplesmente. Para além do próprio peso das tradições, que eram sempre bem presentes, os receios do mar transfiguraram-se em novos terrores (projeções e avatares dos antigos medos), agora derivados do contacto com a realidade oceânica, em particular da frequência de rotas tão distantes quanto obscuras e inquietantes. Surge, assim, “rejuvenescido” e dotado de “novas roupagens”, o medo das tempestades, da noite no mar, do naufrágio, da sede e da fome a bordo, dos monstros marinhos (o contacto com toda uma nova fauna marinha fez com que este medo se mantivesse particularmente vivo)...

Com efeito, tal mutação estrutural permitiu em última instância um maior e progressivo contacto com o oceano; mas desse contacto surgiram novas realidades e, conseqüentemente, “novos” medos: ao longo do século XV e inícios do século XVI, acompanhando o brutal aumento das carreiras de navegação, onde merece especial destaque a carreira da Índia, a frequência cada vez maior dos naufrágios, das inúmeras tragédias a bordo, bem como do massacre das tempestades, vai fazer inverter esta tendência positiva, natural, familiar e até benigna do mar. Ao mesmo tempo que a técnica avança torna-se possível navegar para mais longe e isso traz um novo cenário de perigo e, naturalmente, uma nova carga de imaginário.

Volta, pois, a existir uma angústia e um terror do mar, que regressa mais uma vez pensado enquanto caos e espaço da imprevisibilidade e do perigo extremo. No

¹⁴ SÉNECA (1973). *Medeia*. São Paulo: Editora Abril, p. 123.

entanto, este terror já não é o dos séculos profundamente medievais. O contacto, a observação e a experiência directa, sobretudo ao nível da vivência das rotas longínquas, verificados nestes séculos de permeio alteraram a tipologia do medo do oceano. O medo transfigurou-se e as fórmulas de protecção acompanharam este movimento, tornando-se mais complexas e diversificadas, como o demonstram as devoções marinheiras a bordo correntes nos séculos XV e XVI.

Noutra vertente, e num quadro mais geral, temos sempre de ter em conta que os receios do mar e a perspectiva com que os Portugueses encaram o mundo que os rodeia – sobretudo, o novo que desconheciam e agora vislumbram e experimentam – tem por base o que conhecem e esse *conhecido* é o mundo cristão com tudo aquilo que o caracteriza: a hierarquia e a organização política, social e religiosa, os costumes e superstições associados, as práticas jurídicas e litúrgicas. Enfim, tudo o que distingue a Cristandade ocidental.

A postura fortemente centralizada da Igreja de Roma torna, por um lado, e apesar de cíclicos momentos de tensão espiritual vividos na Cristandade, a identidade religiosa um dado inquestionável e, por outro lado, inequívoco o sentimento de pertença a uma mesma comunidade de valores.

Portugal está, pois, invariavelmente ligado à Europa de que faz parte, nomeadamente a Castela, Itália, França e Inglaterra. Não surpreende, por isso, que partilhe de uma idêntica concepção do mundo, bem como dos seus receios e ansiedades relativamente ao novo e ao desconhecido.

A NOITE OCEÂNICA OU A OMNIPRESENÇA DO MEDO

No quadro da historiografia dos Descobrimentos, é habitual afirmar-se que os primeiros navegadores portugueses tiveram de vencer o medo do mar para se aventurarem no mar oceano desconhecido e assim dar início às viagens oceânicas que os levaram a percorrer os quatro cantos do globo. Consideramos que a questão não é assim tão simples, pois os mareantes lusos (e todos os outros europeus) não venceram o medo, antes fizeram algo bem mais ousado: aprenderam a viver com ele, dando origem a uma original coexistência. Esse medo – que podemos considerar como *novo*, pois resulta do contacto directo e brutal com a realidade, ao contrário do medo dos séculos anteriores, que tinha origem sobretudo no *ouvir dizer*¹⁵ – assumia várias formas e possuía diversos graus, para os quais existiam

¹⁵ Como Jacques Le Goff refere, “ao contrário das pessoas do Renascimento, as da Idade Média não sabem olhar, mas estão sempre prontas a escutar e a acreditar em tudo o que se lhes diz. [...] eles crêem ter visto o que sem dúvida souberam no local, mas por ouvir dizer. Sobretudo, empanturrados, antes de partirem, com lendas que tomam por verdades, trazem consigo as miragens e a sua

igualmente diversas soluções, consoante as circunstâncias. O propósito foi sempre o de enfrentar e apaziguar um terror que existia e não se podia contornar.

“É certo que entre os perigos que se encontram na passagem desta vida humana, não existem nenhuns semelhantes nem tão frequentes e ordinários quanto aqueles que advêm aos homens que enfrentam a navegação do mar, tanto em número e diversidade de qualidades como em violências rigorosas, cruéis e inevitáveis, para eles comuns e diárias [...]. Todo o homem de bom juízo, depois que tiver realizado a sua viagem, reconhecerá que é um milagre manifesto ter podido escapar de todos os perigos que se apresentaram na sua peregrinação; tanto mais que, além do que diziam os antigos sobre aqueles que vão para o mar não terem entre a vida e a morte senão a espessura de uma tábua de ponte que só tem três ou quatro dedos de travessia, há tantos outros acidentes que diariamente aí podem ocorrer que seria coisa pavorosa àqueles que aí navegam querer pô-los todos diante dos olhos quando querem empreender suas viagens.”¹⁶ Este excerto da obra *Histoire universelle de plusieurs Voyages aventureux et périlleux, faits sur mer et en différentes contrées*, publicada no início do século XVII, em Rouen, é bastante esclarecedor em relação ao receio coevo dos perigos de que as viagens transoceânicas eram sinónimo. Com efeito, para a mentalidade da época não se passava por piores perigos do que aqueles que se enfrentam no mar. Como afirma Antonio de Guevara (c.1480-1545), cronista e pregador na corte de Carlos V: “El mar, como parte de la naturaleza, tiene un poderio propio, que hace que no se deje gobernar: es amargura, es mina y cementerio, todo lo hace al revés, no distingue a nadie.”¹⁷

A haver uma tipologia do medo no que respeita ao comportamento individual e colectivo na época da viragem da Idade Média para a Idade Moderna, o cenário marítimo certamente integraria os lugares cimeiros – muito provavelmente a par da guerra e das epidemias. É isto que o legado literário e cultural de então nos faz concluir. Em particular os relatos de viagens, ao longo dos quais é possível

imaginação crédula materializa-lhes os sonhos, em ambientes que os desenraízam o suficiente para que, mais ainda que nas suas terras, eles se tornem os sonhadores acordados que foram os homens da Idade Média.” LE GOFF, Jacques (1993). «O Ocidente medieval e o oceano Índico: um horizonte Onírico». En *Para um Novo Conceito de Idade Média — Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 266.

¹⁶ T., J. P. (1600). *Histoire universelle de plusieurs Voyages aventureux et périlleux, faits sur mer et en différentes contrées*. Rouen: s. n., citado em DELUMEAU, Jean (2001). *História do Medo no Ocidente 1300–1800*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 44.

¹⁷ GUEVARA, Antonio de (1984). *Menosprecio de corte y alabanza de aldea; Arte de marear*. Madrid: Cátedra, p. 87.

identificar de forma inequívoca um pânico e um comportamento colectivos sem par, seja ao nível das formas de exteriorização do medo, seja em termos da própria intensidade desse medo.

Espaço do medo, da morte e da demência, o mar constitui o perigo número um. Tal era a identificação antiga, como a medieval e a dos inícios da Idade Moderna. Petrarca, por exemplo, não deixava dúvidas quanto a este estado de espírito: “No saben qué cosa es mar sino los que la han provado, ni quán fiera bestia, ni saben porqué el poeta la llamó monstruo. Entre las cosas de la natura ninguna hay más monstruosa ni de menos constancia y fe. Ninguna cosa se muda tantas vezes ni tan peligrosa ni súbitamente. Ninguna cosa hay tan mala como el mar en calma y ninguna tan soberbia quando está ayrada.”¹⁸

Não raras vezes, no discurso literário o destino de cada ser humano era comparado a um barco em perigo. E mesmo na Bíblia o mar frequentemente manifesta o seu carácter hostil – sobrevivência do caos original, continua a ser, pelo seu perpétuo movimento, a antítese do ideal: “Os que se fizeram ao mar nos seus navios, para comerciarem nas grandes águas, esses viram as obras do Senhor, e as Suas maravilhas no alto mar. À sua voz surgem as tempestades, e as ondas se levantam; elevam-se até aos céus e descem até aos abismos, as suas almas desfalecem agoniadas. Oscilam e cambaleiam como ébrios e toda a perícia se desvanece.”¹⁹

Como refere Jean Delumeau, o medo é um componente maior da experiência humana, a despeito dos esforços para o superar. Não existe um homem sequer acima do medo. Ele está em nós e acompanha-nos em todas as eras e por toda a existência²⁰. Não apenas os indivíduos tomados isoladamente, mas também o colectivo estão presos num diálogo permanente com o medo. E um dos pesadelos mais íntimos da civilização ocidental dos séculos XIV, XV e inícios de XVI é, inequivocamente, o mar.

Inúmeros foram os males que vieram do oceano e que ninguém esqueceu: a

¹⁸ PETRARCA, Francesco (1999). *La medida del hombre. Remedios contra la buena y la mala suerte*. Barcelona: Península, p. 123.

¹⁹ (1992). *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), p. 781 (Salmos 107 [106], “Deus, salvador de todos os perigos”, 23-27).

²⁰ DELUMEAU, Jean (2001). *História do Medo no Ocidente 1300–1800*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 18-22.

Peste Negra (século XIV)²¹, as invasões normandas (século IX) e sarracenas (século VIII). A imensidão oceânica é, pois, essencialmente adversa. Vejam-se os recifes inumanos que orlam o mar, a corrente que tudo leva e o vento assustador que dele brota sem ninguém esperar. Mas é igualmente perigoso quando está imóvel, pois a ausência de um sopro que o ondule é sinónimo de morte para os navegantes parados ao largo, alvos fáceis da fome e da sede.

Daí, aliás, o enorme rol de ditados e provérbios que aconselham a não se arriscar no mar. Os latinos afirmavam: “Louvai o mar, mas conservai-vos na margem.” Um ditado russo sugere: “Louva o mar, sentado no aquecedor.” Erasmo (c. 1469-1536) faz dizer a uma personagem do colóquio *Naufragium*: “Que loucura confiar-se ao mar!” Até na Holanda, nação marítima por definição, imperava o ditado: “Mais vale estar na charneca com uma velha carroça do que no mar num navio novo.” Já Cervantes pela voz de Sancho Pança sentencia que: “Se queres aprender a rezar, vai para o mar” – fórmula que, com diversas variantes, percorre toda a Europa. Uma palavra ainda para Antonio de Guevara, que na sua obra *Arte de Marear* assinala que “la vida de la galera, déla Dios a quien la quiera”²² e “La mar es muy deleitosa de mirar, y muy peligrosa de pasear”²³. Reveladora é também a sua afirmação de que “la mar a nadie convida, ni a nadie engaña para que en ella entren ni de ella se fíen, porque a todos amuestra la monstruosidad de sus peces, la profundidad de sus abismos, la hinchazón de sus aguas. La contrariedad de sus vientos, la braveza de sus rocas, y la crueldad de sus tormentas, de manera que los que allí se pierden no se pierden por no ser avisados sino por ser unos muy grandes locos.”²⁴ Deste autor consideramos igualmente uma referência a seguinte interrogação: “Qué nos es contrario en la tierra que no nos lo sea mucho más en la mar?”²⁵ Na essência, tudo manifestações de defesa de uma civilização até aqui

²¹ Designação por que ficou conhecida, durante a Idade Média, a peste bubónica, uma pandemia que assolou a Europa no século XIV (sobretudo, entre 1348 e 1351) e dizimou cerca de um terço da população da época.

²² GUEVARA, Antonio de (1984). *Menosprecio de corte y alabanza de aldea; Arte de marear*. Madrid: Cátedra, p. 329.

²³ GUEVARA, Antonio de (1984). *Menosprecio de corte y alabanza de aldea; Arte de marear*. Madrid: Cátedra, p. 357.

²⁴ GUEVARA, Antonio de (1984). *Menosprecio de corte y alabanza de aldea; Arte de marear*. Madrid: Cátedra, pp. 87-88.

²⁵ GUEVARA, Antonio de (1984). *Menosprecio de corte y alabanza de aldea; Arte de marear*. Madrid: Cátedra, p. 325.

essencialmente terrestre, corroboradas pela experiência daqueles que, apesar de tudo, ousavam afastar-se da costa, como era o caso dos portugueses²⁶.

Em resumo, na relação do homem com o mar verifica-se, desde sempre, a presença do medo. Ainda hoje assim é. As ondas oceânicas são o espaço onde todo o temor abunda.

No entanto, este arquétipo temor marítimo tem um “tempo” por excelência: a noite, sobretudo quando em momento de tempestade.

O medo *na* e *da* escuridão era algo que tomava proporções gigantescas para os navegantes. Eles sentiam-se expostos aos ataques exteriores sem poder adivinhar a sua aproximação nas trevas. Assim, o nascer do dia é saudado pelos marinheiros como a esperança da salvação após uma noite de provações. Camões assinala-o logo no início do Canto IV de *Os Lusíadas*:

“Depois de procelosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento [...].”²⁷

Depois da largada de terra, despedindo-se dos familiares e dos amigos, os nautas passavam noite após noite com o sono sobressaltado devido aos balanços do navio. Isto porque a noite é suspeita, inscreve-se no domínio da ansiedade e do terror. E mesmo para a elite culta, ela está povoada de espíritos temíveis que atormentam e desorientam os viajantes.

As marítimas horas nocturnas eram encaradas como uma ponte privilegiada para o encontro com a morte e os espectros, até porque o mar não oferece sepultura cristã, sagrada e com dignidade, antes conduz à perdição da alma²⁸. Em

²⁶ SÉBILLOT, Paul (1886). *Légendes, croyances et superstitions de la mer*. Paris: G. Charpentier et cie., pp. 39-73.

²⁷ CAMÕES, Luís de (2002). *Os Lusíadas*. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 149 (Canto IV).

²⁸ A morte no mar era algo que ninguém desejava, pois implicava despedir-se deste mundo sem a presença dos familiares e longe do lar. Mas, acima de tudo, falecer no mar tinha como grande consequência não poder beneficiar de um enterro digno e de uma sepultura num lugar sagrado, ou seja, debaixo de terra cristã. Os cadáveres de quem perecia no mar, sendo lançados à água, tornavam-se presas da fauna marinha nas águas malélicas da profundidade oceânica, o que criava um certo desassossego nos viajantes. A ausência do túmulo frustrava a expectativa de ter um lugar de repouso onde o corpo esperasse a ressurreição geral. Por consequência, a sua alma não poderia ter um destino

compensação, a aurora marca o momento em que a terra vai novamente pertencer aos vivos: “Destá maneira passámos todos aquela noite, que tão triste foi para nós, até que, vindo o dia, tivemos vista da terra, da qual estaríamos apartados pouco mais de meia légua, sendo tanto o choro em todos que nos não dava lugar para a vermos.”²⁹

O dia é sinónimo de segurança, que é símbolo de vida. Ao passo que a noite é fiel companheira da insegurança que, por sua vez, é símbolo de morte.

À noite não se vislumbra um dos grandes terrores da imensidão líquida: os baixios e os temíveis recifes. Vejamos as palavras de Manuel Rangel relativas à descrição do naufrágio da nau *Conceição*: “tamanho desmayo tinhamos vendonos assim de noite no meyo do mar com a Nao de todo arrombada, e cheya de agoa, com grande escuro sem vermos terra nenhuma, somente as grandes pancadas que a Nao dava.”³⁰

Frei Gaspar de S. Bernardino narra uma situação semelhante: “A nau S. Jacinto conheceu as ilhas e assim se foi cosendo com elas, quanto pôde, de sorte que sem perigo as passou, e, sabendo a gente dela que nos íamos perder, jamais nos quiseram dar sinal ou aviso com alguma peça de artilharia, dando por escusa, sem empacho, que levavam o convés mui empachado. Verdade seja que amainaram as velas de gávea ambas, e ferraram a cevadeira; mas tudo isto não bastou, para que ao outro dia, que foram 12 de Fevereiro, três horas andadas da noite, deixássemos de ir encalhar na ilha de S. Lourenço, indo com vento em popa, largas todas as velas.”³¹

Cristóvão Colombo, por sua vez, relata que “na noite já muito avançada, encontrando-me a bordo da nau, ouvi um terrível ruído que vinha até mim do lado do sul; parei para ver e vi o mar levantar-se de poente para levante, numa vaga tão

idêntico ao dos homens sepultados em terra firme. Por isso, quando estavam à mercê dos ventos e das ondas, desorientados no meio do oceano e prestes a naufragar, o desejo mais modesto dos navegantes era ser sepultado em qualquer pedaço de terra, de preferência cristã. KOISO, Kioko (2004). *Mar, medo e morte: aspectos psicológicos dos naufragos na história trágico-marítima, nos testemunhos inéditos e noutras fontes*, vol. I. Cascais: Patrimonia, p. 328.

²⁹ BERNARDINO, Frei Gaspar de S. (1953). *Itinerário da Índia por terra até à Ilha de Chipre*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, p. 26.

³⁰ BRITO, Bernardo Gomes de (1735-1736). *Historia Tragico-Marítima. Em que se escrevem chronologicamente os Naufrágios que tiverão as naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India*, tomo I. Lisboa: Officina de Congregaçãõ do Oratório, p. 178 (Manuel Rangel, “Relaçãõ do naufrágio da Nao Conceição”).

³¹ BERNARDINO, Frei Gaspar de S. (1953). *Itinerário da Índia por terra até à Ilha de Chipre*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, pp. 22-25.

alta como a nau e que cada vez mais vinha sobre mim. Por detrás delas vinha uma corrente que se precipitava rugindo e com grande ruído, com essa fúria e esse clamor das outras correntes de que disse que me pareciam como que vagas dando em rochedos, e tão poderosos que hoje ainda sinto na minha carne o horror que então a minha nau não encalharia quando o fluxo chegasse debaixo dela. Passou e chegou até à boca, onde esteve durante muito tempo. No dia seguinte, mandei as barcas sondarem, e descobriu-se que havia pelo menos seis ou sete braças de água nos baixios da boca e que as correntes esbarravam sem cessar, umas para entrar, outras para sair.”³²

Durante a noite, a viagem podia estar a decorrer tranquilamente, sem nada que indicasse perigo. E subitamente tudo estremecia: a embarcação ficara presa. Era o início de um longo e penoso labor, que não raras vezes acabava de forma trágica: “Deixo agora ao leitor pensar em que estado poderiam estar todos os do navio, que piedoso espectáculo era o nosso, quantos brados e gemidos se davam, como de pessoas que se sentem perdidas e naufragadas de noite sobre uma rocha no meio do mar, não tendo a esperar senão a morte certa!”³³

Também a correspondência do padre Pedro Martins nos dá um fiel retrato de como, quando a nau batia nos baixios ou nos rochedos, uma viagem tranquila tornava-se num inferno, sobretudo se acontecesse durante a noite: “Teve este naufragio circunstancias que o fizerão o mais temeroso ou hum dos mais temerosos que ouve no mundo. [...] na entrada da noite, tendo-nos tanto tempo atee esclarecer naquella tão comprida agonia da morte em huns pedaços de tavoas, e de quando em quando cubertos das ondas. Em tamanho trabalho todos a huma se socorerão a Deus e lançarão mão dos remédios divinos, porque, tanto que assim se virão, remeterão aos confessores pera se confessarem.”³⁴

A noite podia igualmente dispersar os navios, facto que alterava de imediato a tranquilidade da viagem e os objectivos da frota. Na “Carta que don Cristovão Colombo, vice-rei e Almirante das índias escreveu aos Mui Cristãos e Mui Poderosos Rei e Rainha de Espanha, nossos senhores, onde lhes dá conta de tudo o que lhe aconteceu na sua viagem, e disse das terras, províncias, cidades, rios e

³² COLOMBO, Cristóvão (1990). *A descoberta da América*, vol. II. Mem Martins: Europa América, p. 83.

³³ LAVAL, Francisco Pyrard de (1944). *Viagem de Francisco Pyrard de Laval: contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais*, vol. I. Porto: Livraria Civilização, p. 50.

³⁴ (1948). *Documenta Indica (1553-1557)*, vol. XIV. Roma: Monumenta Historica Societatis Jesu, p. 374 (“Carta do padre Pedro Martins ao padre Cláudio Acquaviva, Goa, 9 de Dezembro de 1586”, doc. 60).

outras coisas maravilhosas, onde estão minas de ouro em grande quantidade e outras coisas de grande riqueza e valor”, destaca-se isso mesmo: “a tempestade era terrível e, nessa noite, dispersou os meus navios; levou-os cada um para o seu lado, sem outra esperança se não a morte; cada um tendo por certo que os outros estavam perdidos.”³⁵

Também o padre Gonçalo Roiz em correspondência ao Padre Miguel de Torres (Cochim, Janeiro de 1562) nos dá conta deste fenómeno: “En esta tormenta perdimos de vista las otras dos naos companeras, y assi fuimos adelante, con aguna tristeza, por no saber lo que les acontereria; ay dalgunos dias tornamos a aver vista dellas.”³⁶

Na célebre carta de Pêro Vaz de Caminha podemos igualmente verificar como a noite era o momento por excelência em que os navios se separavam – e não raras vezes se perdiam – uns dos outros: “Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com sua nau, sem haver tempo forte nem contrário para que tal acontecesse. Fez o capitão suas diligências para o achar, a uma e outra parte, mas não apareceu mais!”³⁷

Na sua abordagem mais simples e imediata, a noite é sinónimo de escuridão, ou seja, de falta de visibilidade e, conseqüentemente, de segurança. O sentido humano que mais se relaciona com este estado é, pois, a audição e não já a visão. Tal cenário ganha proporções desmedidas quando o pano de fundo é o oceano com toda a sua avassaladora carga de inquietude, incerteza e desconhecido: “tamanho desmayo tinhamos vendonos assim de noite no meyo do mar com a Nao de todo arrombada, e cheya de agoa, com grande escuro sem vermos terra nenhuma, somente as grandes pancadas que a Nao dava.”³⁸

Mais uma vez, a correspondência do padre Gonçalo Roiz é particularmente reveladora: “*Estuve* alla de vagar, hasta la tarde, que nos bolvimos a nuestra nao y

³⁵ COLOMBO, Cristóvão (1990). *A descoberta da América*, vol. II. Mem Martins: Europa América, p. 129.

³⁶ (1950). *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente. Índia (1548-1550)*, vol. IX. Lisboa: Agência Geral das Colónias, pp. 8-13 (“Carta do padre Gonçalo Roiz ao Padre Miguel de Torres, Cochim, Janeiro de 1562”, doc. 1).

³⁷ CAMINHA, Pero Vaz de (1994). *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 156.

³⁸ BRITO, Bernardo Gomes de (1735-1736). *Historia Tragico-Marítima. Em que se escrevem chronologicamente os Naufrágios que tiverão as naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India*, tomo I. Lisboa: Officina de Congregação do Oratório, p. 178 (Manuel Rangel, “Relação do naufrágio da Nao Conceição”).

passando adelante hazia las islas de Marfim Vaz, teniendo vista de la tierra. *Despues* de las aver passado, nos escaseo el viento, de manera que fue necesario de noche andar a las bueltas, en una de las quales se vinieron de encontrar la nao *Algaravia* con la nuestra, de tal manera que, si Nuestro Señor no nos valera, yvamos todos al hondo del mar, porque, como hazia escuro y ella venia sin vegilia, venia a dar con la proa en el meo de la nuestra, y por mas que los de nuestra nao bozearon, nunqua oyeron; mas quiso Dios que era la nuestra tam buena de leme, que luego se desvio para una parte, aunque el tiempo fue tam breve que quasi no dava lugar a eso, y passo la nuestra rozandose por la nuestra popa, quedando libres ambas.”³⁹

Como podemos verificar em João de Barros, cedo o pânico provocado pela falta de visibilidade durante a tempestade nocturna dava lugar ao terror do afundamento: “posto que o auto deste ímpeto do vento foi a todos a cousa mais espantosa que quantas tinham visto, por se verem uns aos outros junta e tam miseravelmente perder; muito mais temeroso lhe pareceu verem sobre si ùa escuríssima noite que a negridão do tempo derramou sobre aquela região do ar, de maneira que uns aos outros não se podiam ver, e com o assoprar do vento muito menos ouvir. Somente sentiam que o ímpeto dos mares às vezes punha as naus tanto no cume das ondas, que parecia que as lançava fora de si na região do ar, e logo subitamente as queria sorver e ir enterrar no abismo da terra.”⁴⁰

Quando em tempestade, o som da noite oceânica facilmente era tomado com o som do outro mundo, ou mesmo do inferno. A carta do padre Manuel Álvares aos confrades de Coimbra, enviada de Malaca e datada de 5 de Janeiro de 1562, indicia isso mesmo ao revelar a íntima ligação entre *tormenta-noite-inferno*: “Metemos, então, outro traquete e com os papafiguos fomos trinquando toda a noite, com ventos e mares grandíssimos; andamos com esta tormenta, parece-me que doüs dias e duas noites; as noites não parecião senão imagens do ynferno.”⁴¹

Também nas palavras do padre Jerónimo Lobo relativas ao naufrágio da nau *Nossa Senhora de Belém*, podemos encontrar a tempestade nocturna como representação das potências infernais: “Os officiais gritavão que ferassem a maior,

³⁹ (1950). *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente. Índia (1548-1550)*, vol. IX. Lisboa: Agência Geral das Colónias, pp. 8-13 (“Carta do padre Gonçalo Roiz ao Padre Miguel de Torres, Cochim, Janeiro de 1562”, doc. 1).

⁴⁰ BARROS, João de (1988). *Ásia. Década I*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 185.

⁴¹ (1955). *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente, Insulíndia (1550-1562)*, vol. II. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, p. 385 (“Carta do padre Manuel Álvares aos confrades de Coimbra, Malaca, 5 de Janeiro de 1562”, doc. 68).

os marinheiros por todas as partes trabalhando não podião vencer o impito do vento com que impandeirava a vella e a trazião pello ar à discricção de sua fúria sem consentir a que a ferrassem, a mais gente que ficava acudia à bomba por crescer muito a agoa, em toda a não se não ouvia mais que apitos, salamear, brados e alaridos que com o assoprar do vento com grão rumor por entre a enxarcia, o bater da vella, a confusão e escuridade da noite, era huma temerosa confusão e representação do inferno.”⁴²

A noite é o espaço e o tempo onde, desde outrora, os inimigos do homem visam o seu fim. E a tempestade é cúmplice da noite. Juntas são a ponte para a perdição física e espiritual:

“Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados que o ar em fogo acendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.”⁴³

Com efeito, é durante a tempestade que o medo da noite é extrapolado. A já referida carta do padre Gonçalo Roiz ao padre Miguel de Torres, enviada de Cochim, em Janeiro de 1562, revela bem o pânico causado pelas tribulações marítimas nocturnas: “Veniendo la noche tam tormentosa, y proseguindo adelante la brabeza de la mar, vea Vuestra Reverencia quales estarian los coraçones de muchos, especialmente de aquellos que no avian visto otras semejantes. Por ventura que no se guarda tan bien el silencio en el claustro; no avia quien hablase, ni aun quien pareciesse en el conves, especialmente, de los soldados y muchos de los marineros se verian abaxo a servir al cabiestante. (...) Començamos yo y mis compañeros a buscar el favor divino, porque el humano desfallezia, y fuy donde estava el capitam y hechamos reliquias al mar; eche agua bendita por la nao, y en el mar, y por essos ayres, esforçando la gente, que no causava poca devocion y confianza en ellos esso; mas antes no se atrevian a estar en cima, en la tolda, ny en otra parte, sin nosotros, y assi yo con ellos y ellos comigo estuvimos toda la noche en la tolda, vendo a la clara la tormenta. La qual crecia en tanta manera que, primero, via el hombre el mar que la nao, porque andava muy alto y as vezes

⁴² LOBO, Jerónimo (1971). *Itinerário e Outros Escritos Inéditos*. Porto: Livraria Civilização Editora, p. 549.

⁴³ CAMÕES, Luís de (2002). *Os Lusíadas*. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 189 (Canto V).

tomava agua por los bordos la nao, de manera que siempre fue necessario dar empeto a la bomba, toda la noche, todo genero de persona, sin excepción; y el capitán estuvo toda la noche al leme, sin aver ay pegar ojo: *fugiebat enim somnus ab oculis omunium*. (...) Passamos esta noite com gran peligro y risco de la vida, segundo todos dezian, y algunos se movieron con esta tormenta, que se confessaron.⁴⁴

Quando as enormes vagas varriam o convés, arrastando com elas a carga e os indivíduos, e os ventos impetuosos arrancavam as velas, os mastros, as enxárcias e os lemes; tornava-se impossível conservar o equilíbrio interno. Era o momento em que a angústia incerta tornava-se infinita e indefinível. Vejamos outra passagem de rara intensidade emotiva da autoria do vice-rei e Almirante das Índias: “na véspera à noite, sofreram uma tão terrível tempestade que julgaram perder-se entre as vagas grandes que saltavam dos dois lados, os ventos que pareciam levantar a caravela nos ares, a água do céu e os relâmpagos que sulcavam a noite.”⁴⁵

Também o padre Fernão da Cunha, em carta enviada aos padres e irmãos do colégio de Évora, revela de forma fiel a emoção vivida durante a tempestade oceânica nocturna: “Vendo nos que não abrandava esta tempestade, temendo de novo a noite seguinte a qual mostrava trazer consigo muito maior tempestade que a passada [...]”.⁴⁶

Perante tais descrições, podemos arriscar afirmar que o medo da tempestade durante a noite oceânica é talvez o único medo totalizante, ou seja, relacionado com a negra dimensão de lugar escatológico e apocalíptico que surgiu na Alta Idade Média, que irá sobreviver em pleno na viragem para a era Moderna.

Mas a tempestade oceânica nocturna constitui também um notável símbolo do momento em que o real ganha uma dimensão maravilhosa, transformando-se ele próprio em elemento fantástico. De tal forma que, neste caso específico, se constitui a si mesmo como um alicerce do imaginário. Por outras palavras, a realidade é de tal forma projectada e ampliada, que evolui desmesuradamente, acabando por transformar-se em mito. Observemos as emotivas palavras de Frei

⁴⁴ (1950). *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente. Índia (1548-1550)*, vol. IX. Lisboa: Agência Geral das Colónias, pp. 8-13 (“Carta do padre Gonçalo Roiz ao Padre Miguel de Torres, Cochim, Janeiro de 1562”, doc. 1).

⁴⁵ COLOMBO, Cristóvão (1990). *A descoberta da América*, vol. II. Mem Martins: Europa América, p. 184

⁴⁶ (1950). *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente. Índia (1548-1550)*, vol. IX. Lisboa: Agência Geral das Colónias, p. 86 (“Carta do padre Fernão da Cunha aos padres e irmãos do colégio de Évora, Goa, 3 de Dezembro de 1562”, doc. 16).

Gaspar de S. Bernardino no seu *Itinerário da Índia por terra até à Ilha de Chipre*: “Uns maldiziam ao primeiro que tentou navegar o bravo mar, outros com uma mal formada voz, pediam confissão e a Deus perdão, e outros a quem o frio suor ia cobrindo, nem ânimo, nem forças tinham para pedi-lo. O capitão que neste passo o não perdeu, mandou cortar o mastro grande, o que com muita diligência se fez, e, tanto, que a enxárcia foi desfeita de uma banda, logo ele caiu da outra, a cuja pancada tão grande foi a grita que o mundo nos pareceu se acabava e consumia. A noite esteve sempre resplandecente e clara, não com os raios da lua, mas com os infernais e medonhos relâmpagos em que ela sempre ardeu, engrossando por uma parte tanto o fio da chuva, quanto pela outra nos banhavam as lágrimas mais e mais sem descansarem; e, assim, perdidos e aflitos lançámos a primeira âncora com a mais triste salameia que creio jamais por todo o espaçoso Oceano se ouviria; e não sei certo se caiu nele ou em nossos corações, que tão pesados e agravados os sentimos naquela hora.”⁴⁷

Neste ponto nunca é demais salientar que, quando o padre Pedro Martins apresenta os três factores que tornam o naufrágio da nau *Santiago* o mais terrível ou um dos mais terríveis do mundo, não deixa de colocar em primeiro a escuridão da noite⁴⁸.

Uma derradeira palavra para a associação entre a vivência da noite no mar e o aumento acentuado do medo relacionado com o monstruoso oceânico. Vejamos, a título de exemplo, a seguinte passagem do texto de Fernão Mendes Pinto: “Partidos nós desta angra, velejámos ao longo da costa mais treze dias, sempre à vista da terra, e chegámos a uma baía que se chamava Buxipalem, em altura de quarenta e nove graus, cujo clima achámos já algum tanto mais frio, na qual havia infinidade de peixes e serpentes de tão diversas maneiras que realmente afirmo que receio muito contá-lo, e de que o Similau disse a António de Faria coisas muito incríveis, tanto do que já ali se achara como do que de noite se ouvia, principalmente nos interlúnios de Novembro, Dezembro e Janeiro, em cerrações de tempestades chuvosas, algumas das quais lhe mostrou logo ali à vista, donde se inferiu que podia ser verdade o mais que dizia. Vimos aqui uns peixes de feição de raias, a que os nossos chamavam peixes-mantas, de mais de quatro braços em roda, e o focinho rombo como de boi; vimos outros como grandes lagartos pintados de verde e preto, com três ordens de espinhas no lombo, da grossura de uma seta, e de quase três

⁴⁷ BERNARDINO, Frei Gaspar de S. (1953). *Itinerário da Índia por terra até à Ilha de Chipre*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, pp. 22-25.

⁴⁸ (1948). *Documenta Indica (1553-1557)*, vol. XIV. Roma: Monumenta Historica Societatis Jesu, p. 374 (“Carta do padre Pedro Martins ao padre Cláudio Acquaviva, Goa, 9 de Dezembro de 1586”, doc. 60).

palmas de comprido, muito agudas nas pontas, e o mais corpo todo cheio delas, mas não tão grossas nem tão compridas. Estes peixes se encrespam de quando em quando como porcos-espinhos, com o que ficam assaz temerosos no aspecto; tinham o focinho muito agudo e preto, com dentes que lhes saíam fora do queixo, como os do javali, de comprimento quase dois palmos, aos quais dizia o Similau que os chins chamavam puchissuções. Vimos também outros peixes muito pretos à maneira de enxarocos, mas tão disformes na grandeza que só a cabeça era de mais de seis palmos de largo, e quando nadavam e estendiam as barbatanas ficavam redondos de mais de uma braça, ao parecer dos que os viram. E não digo de outras muitas diversidades de peixes que aqui vimos, por me parecer desnecessário deter-me sobejamente em coisa que não faz a propósito do que vou tratando; somente direi que em duas noites que aqui estivemos surtos, nos não dávamos por seguros dos lagartos, baleias, peixes e serpentes que de dia tínhamos visto, porque eram tantos os uivos, os assopros, e roncões, e na praia os relinchos dos cavalos-marinhos, que eu não me atrevo a podê-lo declarar com palavras.”⁴⁹

Também o historiador e cronista português Pero de Magalhães Gândavo (?-1579), no seu famoso livro intitulado *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, editado em Lisboa em 1576, nos oferece uma passagem elucidativa da noite como o momento ideal para o surgimento do monstruoso marinho: “Pondo os olhos naquela parte que ela lhe assinalou, viu confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lho impedir e o monstro ser também ser coisa não vista, e fora do parecer de todos os animais. E chegando-se um pouco mais a ela para que melhor se pudesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o que em levantando a cabeça, tanto que o viu, começou de caminhar para o mar donde viera. Nisto conheceu o mancebo que era aquilo coisa do mar, e antes que nele se metesse, acudiu com muita presteza a tomar-lhe a dianteira. E vendo o monstro que ele lhe embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem, fincado sobre as barbatanas do rabo e estando assim a par com ele, deu-lhe uma estocada pela barriga [...] O retrato deste monstro, é este que no fim do presente capítulo se mostra, tirado do natural. Era quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas muito grandes como bigodes. Os índios da terra lhe chamam em sua língua Hipupiára, que quer dizer demónio da água. Alguns como este se viram já nestas partes: mas acham-se raramente. E assim também deve de haver outros monstros de diversos pareceres, que no abismo deste largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração: e tudo se pode crer por difícil que pareça: porque os segredos da natureza não foram

⁴⁹ PINTO, Fernão Mendes (2001). *Peregrinação*, vol. I. Lisboa: Relógio d’Água, pp. 225-226.

revelados todos ao homem, para que com razão possa negar, e ter por impossível as coisas que não viu, nem de que nunca teve notícia.”⁵⁰

CONCLUSÃO

Segundo Aron Gurevitch⁵¹, na concepção que o homem medieval tem das principais componentes do ciclo quotidiano, destaca-se o contraste entre dia e noite: se o dia é a segurança e a confiança que dissipa os medos, já a noite é assumida como o símbolo do mal e do pecado, o tempo por excelência da desordem, do perigo e do medo. Momento privilegiado da insegurança e do desregramento moral, ela é povoada por seres e forças misteriosas, e conotada com o reino do Diabo por influência directa do cristianismo. Dia/noite, podemos, pois, ler: vida/morte.

A Bíblia já expressara essa desconfiança em relação às trevas nocturnas, sendo o destino humano simbolicamente definido em termos de luz e de escuridão, isto é de vida e de morte.

No texto bíblico é quando termina o dia que sobrevêm os animais maléficis (Salmos, 104:20), a peste tenebrosa (Salmos, 91:6) e os homens que odeiam a luz (Jó, 24:13-17). O inferno é, sem dúvida, o domínio das trevas (Salmos, 8:13). Em compensação, o dia é de eterna claridade (Isaías, 9:1 – 42:7 – 49:9 – 60:19s.)

O próprio Cristo enfrentou as ciladas da escuridão (João, 11:10 / Lucas 22:53). Assim é preciso implorar Àquele que criou a noite que proteja os homens contra os terrores nocturnos (Salmos, 91:5).

Em suma, são imensos os exemplos bíblicos do medo da noite e da sua conotação com o perigo e a morte.

Por outro lado, há que ter em conta que, até às vitórias plenas da técnica moderna, bem longe, portanto, dos séculos em questão, o mar foi associado na sensibilidade colectiva às piores imagens de aflicção. Estava invariavelmente ligado ao abismo e (como a noite) à morte. Trata-se de toda uma repulsa milenar que, apesar dos tremendos avanços científicos, simplesmente não pode desaparecer de um momento para o outro, especialmente durante as sobressaltadas e inquietantes horas nocturnas. Com efeito, para o mareante, além do referido medo das trevas

⁵⁰ GÂNDAVO, Pero de Magalhães (1980). *Tratado da Terra do Brasil, História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, pp. 31-32.

⁵¹ GUREVITCH, Aron I. (1991). *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Editorial Caminho.

próprio da época em que vive, ainda existe a agravante de a representação cristã negativa da noite apenas tender a piorar fora do seguro elemento terrestre.

Por tudo isto, na Europa dos finais da Idade Média e começo da Idade Moderna, o medo da noite, camuflado ou manifesto, está inequivocamente presente em todas as embarcações que se arriscam nas rotas distantes. O oceano é, em absoluto, o espaço onde estamos certos de o encontrar sem nenhuma falsa aparência. Antes de forma transparente e totalizante.

Naquela época de desbravar o mar, sem dúvida que todas as ações a bordo, fossem executadas pelo mais simples marinheiro ou pelo próprio almirante, eram indissociáveis de um imaginário marcado pela fantasia, as visões e os medos, em especial da figura tão sedutora quanto atemorizadora da *noite oceânica*. Um substrato obscuro onde os factores dominantes nada tinham de quantificável ou mensurável. Eram antes algo abstracto e fluido, que ia e vinha consoante a intensidade emotiva das circunstâncias e o peso maior ou menor, porém sempre presente, de uma tradição e uma herança cultural que veiculavam uma forma muito especial de sentir e reagir perante os fenómenos marítimos.

Em síntese, se o mar é a variável onde todo o temor abunda, então a noite oceânica é o grande cenário da omnipresença do medo. Ela é perigosa para o corpo e para a alma; a antecâmara da morte e do inferno. Ela é, enfim, um elemento incontornável, porque fundador, na constituição do imaginário dos navegadores dos Descobrimentos.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes impressas

- (1948). *Documenta Indica (1553-1557)*, 18 vols.. Roma: Monumenta Historica Societatis Jesu.
- (1950). *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente. Índia (1548-1550)*, vols. IV e IX. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- (1955). *Documentação para a História das Missões do Padroado Português no Oriente, Insulíndia (1550-1562)*, vol. II. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- (1992). *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos).
- AGOSTINHO, S. (1995). *A Cidade de Deus*, 3 vols.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- AVIENO (1992). *Orla Marítima*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- BARROS, João de (1988). *Ásia. Década I*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BERNARDINO, Frei Gaspar de S. (1953). *Itinerário da Índia por terra até à Ilha de Chipre*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- BRITO, Bernardo Gomes de (1735-1736). *Historia Tragico-Marítima. Em que se escrevem chronologicamente os Naufrágios que tiverão as naos de Portugal, depois que se poz*

- em exercicio a Navegação da India*, 2 tomos. Lisboa: Officina de Congregação do Oratório.
- CAMINHA, Pero Vaz de (1994). *A Carta de Pêro Vaz de Caminha*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CAMÕES, Luís de (2002). *Os Lusíadas*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- COLOMBO, Cristóvão (1990). *A descoberta da América*, 2 vols.. Mem Martins: Europa América.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães (1980). *Tratado da Terra do Brasil, História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.
- GUEVARA, Antonio de (1984). *Menosprecio de corte y alabanza de aldea; Arte de marear*. Madrid: Cátedra.
- LAVAL, Francisco Pyrard de (1944). *Viagem de Francisco Pyrard de Laval: contendo a notícia de sua navegação às Índias Orientais*, 2 vols.. Porto: Livraria Civilização.
- LOBO, Jerónimo (1971). *Itinerário e Outros Escritos Inéditos*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- PETRARCA, Francesco (1999). *La medida del hombre. Remedios contra la buena y la mala suerte*. Barcelona: Península.
- PINTO, Fernão Mendes (2001). *Peregrinação*, 2 vols.. Lisboa: Relógio d'Água.
- PLINY (1958-1962). *Natural History*, 13 vols.. Harvard: Harvard University Press.
- SÉBILLOT, Paul (1886). *Légendes, croyances et superstitions de la mer*. Paris: G. Charpentier et cie..
- SÉNECA (1973). *Medeia*. São Paulo: Editora Abril.
- SEVILHA, Isidoro de (1983). *Etimologias*, II (livros XI-XX). Madrid: Editorial Católica.
- T., J. P. (1600). *Histoire universelle de plusieurs Voyages aventureux et périlleux, faits sur mer et en différentes contrées*. Rouen: s. n..

Estudos

- ALBUQUERQUE, Luís de (1990). *Dúvidas e certezas na história dos descobrimentos portugueses*, vol. II. Lisboa: Veja.
- ALBUQUERQUE, Luís de (1977). «Realidades e mitos de geografia medieval». En *Estudos de História*, vol. V. Coimbra: AUC, pp. 25-49.
- ARAÚJO, Maria Benedita (2002). «Os relatos de naufrágio». En CRISTÓVÃO, F. (coord). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina, pp. 391-421.
- BARRETO, Luís Filipe (1983). *Descobrimientos e Renascimento: formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: INCM.
- BRAUDEL, Fernand (1989). *Gramática das Civilizações*. Lisboa: Teorema.
- BRAUDEL, Fernand (1990). *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- CORREIA, José Manuel (1989). «Medos e visões dos mareantes na passagem do Cabo da Boa Esperança». En *Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a Sua Época. Actas, vol. IV – Sociedade, cultura e mentalidades na época do Cancioneiro Geral*. Porto: Universidade do Porto/CNCD, pp. 215-224.
- CROSBY, Alfred W. (1988). *La Medida de la Realidad, La cuantificación y la sociedad*

occidental, 1250-1600. Barcelona: Crítica.

- DELUMEAU, Jean (2001). *História do Medo no Ocidente 1300–1800*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DUBY, Georges (1999). *Para uma História das Mentalidades*. Lisboa: Terramar.
- DURAND, Gilbert (1979). *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Arcádia.
- FONSECA, Luís Adão da (1993). *O Atlântico: a memória de um Oceano. Vol. I - Do Imaginário do Atlântico ao Atlântico Imaginado*. Porto: Banco Português do Atlântico.
- GARCÍA, José Manuel (1983). *As viagens dos descobrimentos*. Lisboa: Editorial Presença.
- GUINOTE, P., FRUTUOSO, E. e LOPES, A. (1998). *Naufrágios e Outras Perdas da Carreira da Índia Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- GUREVITCH, Aron I. (1991). *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Editorial Caminho.
- KAUFMANN, Pierre (1996). «Imaginaire et imagination». En *Encyclopaedia Universalis*, vol. VIII. Paris: Encyclopaedia Universalis France, pp. 733-738.
- KOISO, Kioko (2004). *Mar, medo e morte: aspectos psicológicos dos naufragos na história trágico-marítima, nos testemunhos inéditos e noutras fontes*, 2 vols.. Cascais: Patrimonia.
- KRUS, Luís (1998). «O imaginário português e os medos do mar». En NOVAES, A. (org). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Ministério da Cultura – Fundação Nacional de Arte – Companhia das Letras, pp. 95-105.
- KRUS, Luís (1998). «Primeiras imagens do mar: entre o Desejo e o Medo». En PEREIRA, B., COUTINHO, P. e FIGUEIREDO, M. (coords). *A arte e o mar, [Catálogo da] Exposição organizada pelo Museu Calouste Gulbenkian, 18 de Maio a 30 de Agosto de 1998*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 29-39.
- LE GOFF, Jacques (1994). *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa.
- LE GOFF, Jacques (1993). «O Ocidente medieval e o oceano Índico: um horizonte Onírico». En *Para um Novo Conceito de Idade Média — Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 263-280.
- LECOUTEUX, Claude (1998). *Au-delà du merveilleux, Essai sur les mentalités du Moyen Âge*. Paris: Presses de l' Université de Paris-Sorbonne.
- LEWIS, C. S. (1980). *La imagem del mundo (Introducción a la literatura medieval y renascentista)*. Barcelona: Antoni Bosch.
- MATOS, José Sarmiento de (1993). «Medos, fantasias e visões». *Oceanos*, 13, pp. 50-57.
- MATTOSO, José (2000). *Obras Completas de José Mattoso. Naquele Tempo – Ensaios de História Medieval*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores.
- MESLIN, Michel (1984). *Le merveilleux. L'imaginaire et les croyances en Occident*. Paris: Bordas.
- RANDLES, William G. (1989). «La Representation de l'Atlantique dans la Conscience Européenne au Moyen Age et à la Renaissance: de l'Ocean-Caos Mythique a l'Espace Maritime Domine par la Science». *Islenha*, 4, pp. 5-16.
- WICKI, José (1985). «As relações de viagens dos jesuítas». En ALBUQUERQUE, L. e GUERREIRO, I. (eds). *Actas do II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*.

Paulo Esmeraldo Catarino Lopes

Lisboa: Instituto Investigação Científica e Tropical/Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, pp. 6-9.

ZUMTHOR, Paul (1994). *La Medida Del Mundo - Representación del espacio en la Edad Media*. Madrid: Cátedra.